

A difusão das ideias marxistas e as publicações de Marx e Engels no Brasil¹

Sem sombra de dúvida, foi o próprio PCB quem mais contribuiu para a difusão do pensamento marxista no Brasil, pelo menos até o golpe de 1964. A partir daí, em função da pesada repressão que se abateu sobre os comunistas e da verdadeira diáspora de militantes e intelectuais ocorrida por ocasião das divergências políticas e ideológicas ao longo dos anos '60 a '80, descentralizou-se extraordinariamente esta difusão, sendo que as publicações das obras fundamentais do marxismo e sobre o marxismo ficaram a cargo das universidades, organizações políticas e sociais e de grandes editoras.

Até a década de '60, teve papel determinante na divulgação do marxismo no Brasil o significativo aparato político-cultural construído pelo PCB: editoras, jornais e revistas.

Conforme destacado por Denílson Novais Azevedo, em sua monografia “A História da publicação das obras de Marx e Engels no Brasil de 1930 a 1964” (Universidade Tuiti do Paraná), chama a atenção o grande número de publicações de caráter simplificador e divulgativo das obras dos fundadores do materialismo histórico, em particular a grande quantidade dos resumos de *O Capital*, elaborados por diferentes autores europeus, os quais, no Brasil, foram publicados pelas seguintes editoras: Unitas, em 1932; Moderna Paulistânea em 1934; Calvino, em 1944; uma edição em 1944 sem o nome da editora; ECL, em 1945; Brasil, em 1945; Cultura, em 1946; Brasil, em 1952; Progresso, em 1956; novamente Brasil, em 1957, 1958, 1960 e 1962; Melson, em 1962 e Brasil, em 1962.

Até 1964, as obras de Marx e Engels, em sua imensa maioria, foram traduzidas fundamentalmente do francês e, em segundo plano, do espanhol. Mesmo os resumos eram traduzidos do francês, dos quais o nome de maior destaque foi o de Gabriel Deville, que contabilizou, pelo menos, seis resumos traduzidos a partir de suas edições. Em segundo lugar, há o caso não menos significativo do italiano Carlo Cafiero. Nascido em Barletta, na Itália, no ano de 1846, Cafiero foi um dos principais intelectuais da esquerda italiana a se empenhar na tarefa de resumir e simplificar *O Capital*. Cafiero era integrante do movimento operário internacional, estabeleceu contato com o próprio Marx em Londres e tornou-se correspondente da Internacional.

Dentre as obras mais publicadas de Marx, há várias edições (por diversas editoras) de *Salário, preço e lucro*, *Miséria da Filosofia*, *As lutas de classe na França*, *Dezoito de Brumário de Luis Bonaparte*. Destaque-se a publicação de *A Contribuição à Crítica da Economia Política*, com tradução e introdução de Florestan Fernandes. De Marx e Engels, foram publicadas inúmeras edições de *O Manifesto Comunista* e três edições das *Obras Escolhidas*, em três volumes. Quanto às obras de Engels, há sete edições de *Do Socialismo Utópico ao Socialismo Científico* (por diferentes editoras); *A Origem da família*,

¹ Texto de Ricardo Costa (Rico), Secretário Nacional de Formação Política do PCB (agosto de 2011).

da propriedade privada e do Estado (cinco edições); *A Dialética da Natureza* (três edições); *Princípios do Comunismo* (idem). *O Anti-Dühring*, uma das principais obras explicativas do pensamento marxista, assim como o *Socialismo Científico* e o *Ludwig Feuerbach*, foram publicadas apenas duas vezes.

Nos primeiros anos de sua existência, o Partido Comunista teve como seus principais dirigentes os intelectuais Astrojildo Pereira e Octávio Brandão, autores de obras difusoras do pensamento marxista e das opiniões dos comunistas acerca da conjuntura nacional e internacional, além de inúmeros artigos publicados nas revistas e jornais mantidos pelo partido ou abertos à colaboração de seus militantes. Foi Otávio Brandão quem traduziu e publicou a primeira obra de Marx e Engels no Brasil: *O Manifesto de Partido Comunista*, em 1923-24. O texto havia sido publicado primeiramente em um jornal de Porto Alegre, contendo na capa uma foto de Marx, além de um comentário sobre o pensador: “Chamamos a atenção do proletariado do Brasil para a obra imortal de Karl Marx e Friedrich Engels, geniais precursores de Trotsky e Lenine”. Brandão traduziu o “Manifesto” da edição francesa de Laura Lafargue e não diretamente da língua original, o alemão.

No período posterior à chamada Revolução de 1930, apesar da forte onda repressiva do Estado contra os movimentos organizados dos trabalhadores, o PCB, além de conseguir publicar o jornal *A Classe Operária*, estendia sua influência a parcelas significativas das camadas médias, como estudantes, militares e intelectuais. Os modernistas Oswald de Andrade e Patrícia Galvão (Pagu) entraram para o partido, e publicações editadas entre 1931 e 1934, tais como a revista mensal *Boletim de Ariel* (destinada à divulgação e discussão de livros, na qual se travaram debates sobre o socialismo soviético e a literatura proletária) e a revista de literatura, arte, economia e ciência *Espírito Novo* contavam com a colaboração de nomes vinculados ou próximos ao partido, como Jorge Amado, Alberto Passos Guimarães, Aderbal Jurema, Cândido Portinari, Aníbal Machado, Raquel de Queiroz, Caio Prado Júnior, Carlos Lacerda, Di Cavalcanti, Tarsila do Amaral e o já citado Oswald de Andrade, dentre outros.

Em 1935, momento em que, graças à sua atuação no interior da Aliança Nacional Libertadora, o Partido conseguiu acesso a publicações para militares, inúmeros jornais e boletins sindicais e estudantis. Além disso, teve participação em várias revistas culturais e manteve três jornais diários (*A Manhã*, no Rio; *A Platéia*, em São Paulo e *Folha do Povo*, em Recife), nos quais colaboravam o humorista Aparício Torelli (o Barão de Itararé), o pedagogo Anísio Teixeira, o professor Hermes Lima, o sociólogo Arthur Ramos, o poeta Jorge de Lima, Rubem Braga, Raquel de Queiroz, José Lins do Rêgo, Oswald de Andrade, Paulo Werneck e Portinari, entre muitos outros.

A repressão desencadeada sobre o movimento de 1935 desbaratou a imprensa identificada com os comunistas, mas, em 1937, mesmo sob a ditadura do Estado Novo, era editada a revista *Problemas*, de orientação nacionalista e antifascista, tratando de temas relativos a economia, política, literatura, história e reunindo diversos intelectuais de esquerda, comunistas

ou não: Moacir Werneck de Castro, Flávio de Carvalho, Edison Carneiro, João Mangabeira, Procópio Ferreira, Arruda Câmara, Joel Silveira, Rubem Braga, Oswald de Andrade, etc. Outras publicações estiveram subordinadas à orientação mais direta do partido, ainda durante o Estado Novo: a revista *Cultura*, contando com a presença de Sérgio Milliet, Graciliano Ramos, Monteiro Lobato, além dos nomes já elencados acima; a *Revista Proletária*, órgão teórico de orientação marxista-leninista-stalinista e de combate ideológico ao trotskismo e ao fascismo; *Diretrizes*; *Dom Casmurro* e a baiana *Seiva*. No plano mais cultural, destacavam-se as revistas *Leitura*, *Esfera* (com a participação de Dias da Costa, Jorge Amado, Graciliano e outros) e *Continental*, a mais efetivamente ligada ao PCB, de caráter informativo e voltada a analisar o contexto internacional, além de pregar a linha partidária de defesa da união nacional. Era comandada pelo dirigente Armênio Guedes e tinha, como colaboradores, os também comunistas Mário Alves, Maurício Grabois, Rui Facó, Álvaro Moreyra, etc.

Mas foi a partir de 1945 que o aparato cultural dos comunistas cresceu de forma considerável, por meio de uma ampla cadeia de informação que contava com diversos semanários e oito jornais diários distribuídos propositalmente pelas principais cidades do país (*Tribuna Popular*, depois *Imprensa Popular*, no Rio; *Hoje*, em São Paulo; *O Momento*, Salvador; *Tribuna Gaúcha*, Porto Alegre; *Folha do Povo*, Recife; *Jornal do Povo*, João Pessoa; *Folha Popular*, Natal, entre muitos outros.), tendo se constituído numa das maiores redes de comunicação da época, talvez apenas suplantada pelos Diários Associados, do empresário Assis Chateaubriand. A tiragem do *Tribuna Popular*, por exemplo, chegou a atingir entre 30 e 50 mil exemplares nos anos de 1945 e 1946, quando a maior gazeta do Rio alcançava exatamente o número de 50 mil jornais impressos. Era republicada, como órgão central do partido, *A Classe Operária*, depois transformada em *Voz Operária*. O PCB crescia a olhos vistos, reunindo mais de trezentos mil filiados e consolidando-se no meio cultural, fazendo com que inúmeros intelectuais passassem a fazer parte de seus quadros ou, no mínimo, se tornassem simpatizantes: Carlos Drummond de Andrade, Monteiro Lobato, Oscar Niemeyer, Villanova Artigas, Aníbel Machado, Dorival Caymmi, Néelson Pereira dos Santos, Procópio Ferreira, Carlos Scliar, Dalcídio Jurandir, Jacob Gorender, etc.

Diversas outras publicações sofreram, na época, a influência dos comunistas, tais como os jornais *Momento Feminino*, *Terra Livre*, *Emancipação* (de viés nacionalista) e as revistas *Psyke*, *Joaquim*, *Divulgação Marxista*, *Revista do Povo* (de conteúdo político, cultural e de variedades) e *Literatura*, esta última editada por iniciativa de Astrojildo Pereira, com seu conselho de redação composto por Álvaro Moreyra, Aníbal Machado, Arthur Ramos, Graciliano, Manuel Bandeira e Orígenes Lessa. Para manter todo este aparato, além da venda dos jornais, os militantes organizavam diferentes atividades de finanças, traduzidas em campanhas nacionais de arrecadação de fundos para a chamada imprensa popular: festivais, bailes, exposições artísticas, leilões, etc.

Com a cassação do PCB em 1947, a repressão desferida pelo governo Dutra sobre os comunistas foi responsável pela prisão de jornalistas, o empastelamento de diversos jornais partidários e a apreensão de muitas das

suas tiragens, forçando o partido a trocar os nomes de várias das suas publicações para driblar a perseguição. O expediente não seria suficiente para evitar a crise vivida pelos comunistas no campo cultural, exacerbada ainda pela linha política sectária então adotada, como resposta à repressão, à ilegalidade e ao clima hostil da Guerra Fria. Numa política de alinhamento incondicional ao *Kominform* (Agência de Informação dos Partidos Comunistas), criado por Stálin em 1947, o PCB radicalizava seu discurso ideológico de ataque ao imperialismo e ao governo Dutra, perseguindo o controle e a instrumentalização política de entidades culturais como a ABDE (Associação Brasileira de Escritores), através das quais os intelectuais vinculados ao partido deveriam atuar em movimentos dirigidos pelo PCB, como o dos Partidários da Paz, e nas diversas publicações de caráter teórico-cultural.

Entre 1948 e 1954, período de auge do stalinismo, pontificavam na imprensa partidária as diretrizes do realismo socialista formuladas pelo dirigente soviético Zhdanov, como na revista *Problemas*, órgão teórico controlado pelo Comitê Central, sob a direção inicial de Carlos Marighella e, depois, de Diógenes Arruda. Com tiragem média de oito mil exemplares, a publicação mensal, que circulou de 1947 a 1956, tinha como objetivo maior a divulgação do pensamento marxista-leninista-stalinista, tendo provocado, no último ano de sua existência, a reação crítica de Astrojildo Pereira, segundo o qual a revista dedicara-se apenas a publicar traduções, quase sempre de autores soviéticos, sem jamais ter-se caracterizado como um veículo de discussão teórica dos problemas brasileiros. Outras publicações foram igualmente conduzidas a reproduzir a linha do realismo socialista no período, como *Para Todos*, no Rio; *Seiva*, que reaparecia em Salvador; *Horizonte*, em Porto Alegre e *Orientação*, em Recife. Dentro da mesma linha editorial, circulou em São Paulo, entre 1948 e 1955, a revista *Fundamentos*, sob responsabilidade de Armênio Guedes, Villanova Artigas, Monteiro Lobato, Caio Prado Júnior, entre outros, com a pretensão inicial de ser uma “revista de cultura moderna”, mas tendo sido guindada, a partir de 1951, a produzir de fato um discurso panfletário de combate ideológico à “decadente cultura burguesa”².

Antes mesmo que o processo de “desestalinização” (após a divulgação do relatório de Krushev contra Stálin no XX Congresso do PCUS) tomasse corpo no interior do PCB, surgiram duas novas publicações coordenadas por comunistas, sem que a direção nacional do partido tomasse muita participação na definição das suas linhas editoriais. A revista *Brasiliense*, articulada por Caio Prado Júnior e Elias Chaves Neto, apresentava-se como uma publicação político-cultural de inspiração marxista e nacionalista, mas independente e crítica em relação às teses do Partido. Também com autonomia frente ao aparato partidário, ressurgia *Para Todos*, material publicado, entre 1956 e 1958, sob a forma de um jornal quinzenal dedicado aos temas culturais e aberto à intelectualidade. No seu primeiro ano de existência, cerca de setecentos nomes já haviam escrito para o veículo criado por iniciativa de Oscar Niemeyer, Jorge Amado, Alberto Passos Guimarães,

² Conferir o artigo de Antônio Albino Canelas Rubim, “Marxismo, cultura e intelectuais no Brasil”, em MORAES, João Quartim de (org.) – História do Marxismo no Brasil – Volume III. Teorias. Interpretações, Campinas, Editora da Unicamp, 1998

Moacir Werneck de Castro e James Amado.

Por sua vez, a revista *Estudos Sociais* foi criada pela direção nacional do PCB em maio-junho de 1958, como uma das deliberações tomadas com o intuito de redimensionar o papel da imprensa partidária, em meio às mudanças consolidadas com a Declaração de março daquele ano. Com tiragem média de dois a três mil exemplares até o seu fechamento em 1964, foi, no período histórico indicado, a principal publicação mantida pelo Comitê Central do partido voltada a estimular o debate teórico acerca dos problemas brasileiros e a incrementar a educação política da militância comunista. Teve como diretores responsáveis Astrojildo Pereira, Armênio Guedes e o sociólogo Jorge Miglioli, que formaram o conselho de redação do veículo junto com os jornalistas Fausto Cupertino, Jacob Gorender, Mário Alves, Rui Facó, o filósofo Leandro Konder e, nas últimas edições, o historiador Nelson Werneck Sodré.

No ano seguinte, surgia, como órgão oficial do partido e com um caráter mais informativo e propagandístico, o semanário *Novos Rumos*, encarregado de difundir a interpretação da realidade brasileira conforme as formulações teóricas dominantes entre os comunistas, com vistas a embasar as estratégias de luta pelo poder numa sociedade de capitalismo periférico como a brasileira. Comandado por Mário Alves (diretor), Orlando Bonfim Jr. (redator-chefe), Fragmon Carlos Borges (secretário) e contando com Almir Matos, Rui Facó, Josué Almeida, Paulo Mota Lima e Maria da Graça Dutra como redatores, o jornal trazia o dístico “Nacionalismo, democracia e socialismo” e propunha-se a integrar a frente nacionalista e democrática, defendendo os interesses do proletariado e baseando-se no “marxismo-leninismo”. Também em 1959, passava a circular a revista *Problemas da Paz e do Socialismo*, praticamente a edição nacional de uma publicação internacional dos partidos comunistas subordinados às orientações do PC da União Soviética.

Em seus quase seis anos de vida, a revista *Estudos Sociais* acolheu a contribuição de cerca de setenta intelectuais, brasileiros ou não, das mais diversas áreas do conhecimento, totalizando perto de duzentos textos publicados, dentre ensaios, capítulos de livros inéditos, resenhas, críticas de livros e revistas e documentos históricos. Além dos membros da direção partidária e dos intelectuais comunistas mais influentes, escreveram para a revista importantes figuras do pensamento nacional como: o autor de *Geografia da Fome*, Josué de Castro, cientista brasileiro que presidiu a FAO (Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação) e foi deputado eleito pelo PTB; o historiador e geógrafo pernambucano Manuel Correia de Andrade (autor de *A Terra e o Homem do Nordeste*, *A Guerra dos Cabanos*, *Abolição e Reforma Agrária*, dentre outras obras); Orlando Valverde, geógrafo, autor de *Geografia Agrária do Brasil*; o historiador gaúcho Sérgio da Costa Franco; Hermínio Linhares, pesquisador do movimento operário (autor de *Contribuição à História das Lutas Operárias no Brasil*); o antropólogo baiano Edison Carneiro, pioneiro dos estudos sobre o negro no Brasil; o cientista social Maurício Vinhas de Queiroz (autor de *Messianismo e Conflito Social*); o estudioso da história e da sociedade das Minas Gerais, Miguel Costa Filho, que dirigiu a revista *Movimento*, do Clube de Cultura Moderna, entidade próxima à Aliança Nacional Libertadora

(1935) e integrou a direção da União dos Trabalhadores Intelectuais, associação criada em 1945, sob hegemonia do PCB.

Nas áreas econômica e política, colaboraram com artigos os economistas Moacyr Paz e Gilberto Paim; o dirigente comunista baiano Moisés Vinhas; Hugo Régis dos Reis, engenheiro civil e eletricitista e professor da Escola Nacional de Engenharia, no Rio de Janeiro; os deputados integrantes da Frente Parlamentar Nacionalista Milton Reis, Clélio Lemos, Salvador Losacco, o católico socialista Domingos Velasco e o então vice-presidente da Comissão de Economia da Câmara Federal, Jacob Frantz, do PTB da Paraíba. A Assessoria Técnica Parlamentar, sobre a qual se falará adiante, também contribuiu com textos nestas áreas, e, sob orientação de Astrojildo Pereira, foram reproduzidos documentos históricos do movimento operário brasileiro, da fase de organização da COB (início do século XX).

No campo da cultura, da ciência e da filosofia, pontificaram ensaios dos então membros do Comitê Cultural do PCB e ativistas do CPC da UNE, Carlos Nélon Coutinho e Ferreira Gullar; do romancista marajoara Dalcídio Jurandir, que participou da Associação Brasileira de Escritores (ABDE), entidade de intelectuais dirigida pelo PCB entre 1945 e 1958; do crítico literário e professor universitário mineiro Fábio Lucas; do físico e crítico de arte Mário Schenberg; do poeta mineiro Ary de Andrade e dos escritores e jornalistas Moacir Werneck de Castro e Geir Campos, este fundador do Sindicato dos Escritores do Rio de Janeiro e da Associação Brasileira de Tradutores. Com textos sobre educação, contribuíram os professores Mariza-Henrique Coutinho e Paschoal Lemme (autor de *Memórias de um Professor*), que participou do projeto de educação de adultos criado por Anísio Teixeira em 1933 e produziu inúmeras obras sobre a história da educação brasileira no século XX.

No âmbito da educação partidária, visando informar a posição dos comunistas perante diferentes concepções teóricas vigentes no período, foram apresentados artigos de pensadores situados no campo do marxismo, tais como os economistas russos Paul Baran e P. Kopnin, o húngaro Eugen Varga, Regino Boti, Ministro das Finanças de Cuba e integrante do quadro de economistas da CEPAL, o poeta, escritor e filósofo austríaco Ernst Fischer, o romancista soviético Ilya Ehrenburg, o teatrólogo Bertold Brecht, os filósofos Adam Schaff e Gyorgy Lukács, o historiador francês Jean Bruhat e o escritor, seu conterrâneo, Louis Aragon. A título de curiosidade, destaque-se a publicação de um texto criticando as concepções filosóficas e políticas de Lukács, de autoria do então Ministro da Cultura da Hungria, Jozsef Szigeti e, para contrabalançar, a reprodução na mesma edição do prefácio do livro *A Destruição da Razão*, do próprio Lukács, numa atitude que chegou a ser saudada por Leandro Konder como a indicar a intenção dos diretores da revista em contribuir para a “democratização da vida interna do movimento comunista brasileiro”³.

Após o golpe de 1964, com a forte repressão desferida sobre o PCB, a responsabilidade pela publicação de obras dos autores marxistas e pela difusão do materialismo histórico no Brasil coube a editoras, universidades e diversas organizações políticas e sociais. Com o fechamento da editora

³ Leandro Konder, *A Democracia e os Comunistas no Brasil*, Rio de Janeiro, Graal, 1980, p. 111.

Vitória, pertencente ao PCB e a proibição das publicações legais, muitos dos militantes comunistas que trabalhavam na imprensa e no mercado editorial tentaram transformar seus locais de trabalho em espaços de luta democrática.

Há que destacar, neste período de domínio da ditadura empresarial-militar, o papel desempenhado pela Editora Civilização Brasileira, sob a direção do comunista Ênio Silveira, que, apesar de toda censura, seguiu publicando títulos clássicos dos fundadores do materialismo histórico e de outros autores marxistas, como Antonio Gramsci, Lênin, John Reed, além dos brasileiros Leandro Konder e Nelson Werneck Sodrê. O mesmo grupo publicou a *Revista da Civilização Brasileira*, que se transformou numa verdadeira trincheira de resistência à ditadura, reunindo inúmeros intelectuais, tendo se mantido entre 1964 e 1968, quando foi decretado o AI-5. Atualmente, a editora mantém em seu catálogo a edição lançada entre os anos de 2003 e 2008, com tradução de Reginaldo Sant'Anna diretamente do original em alemão, de *O Capital* (em seis volumes: o Livro 1 – “O processo de produção do capital” – com dois volumes, contém os capítulos de I a XXV; o Livro II – “O processo de circulação do capital” – contém o volume 3; o Livro 3 – “O processo global de produção capitalista” – possui três volumes).

Outras editoras cumpriram igual papel de difusão das ideias marxistas no Brasil durante o período da ditadura, tais como a Brasiliense, fundada por Caio Prado Jr.; Paz e Terra (criada por Ênio Silveira, em 1967, juntamente com o poeta Moacir Félix, para divulgar ideias ecumênicas progressistas, contribuindo por lançar no Brasil o ideário da Teologia da Libertação); Zahar (fundada em 1956, voltada à publicação de livros de ciências humanas e sociais principalmente para o público acadêmico), etc.

Hoje, além das editoras ligadas às universidades públicas e outras, com catálogos dirigidos, principalmente, ao crescente público universitário, destacam-se, na publicação de obras clássicas do marxismo e de diversos pensadores marxistas, as editoras Boitempo e Expressão Popular (esta última, ligada ao MST, busca tornar mais acessível o acesso a livros fundamentais de autores marxistas). Segue abaixo uma listagem das principais obras clássicas dos principais teóricos do materialismo histórico, de ontem e de hoje, publicadas no Brasil:

KARL MARX:

A guerra civil na França (Prefácio: Friedrich Engels. Tradutor: Rubens Enderle) São Paulo: Boitempo, 2011.

Crítica da filosofia do direito de Hegel (Prefácio: Rubens Enderle. Tradutores: Rubens Enderle e Leonardo de Deus). São Paulo: Boitempo, 2005.

Crítica do Programa de Gotha (Textos anexos: Cartas de Marx e Engels sobre o Programa de Gotha e texto de Lênin sobre a Crítica do Programa de Gotha. Tradução de Neuza Campos). Rio de Janeiro: Editora Livraria Ciência e Paz, 1984.

Contribuição à Crítica da Economia Política. São Paulo, Martins Fontes, 2003.

Formações Econômicas Pré-Capitalistas (Introdução de Eric Hobsbawm. Tradução de João Maia). São Paulo: Paz e Terra, 1991 (6ª edição).

Grundrisse. Subtítulo: Manuscritos econômicos de 1857-1858: Esboços da crítica da economia política. (Prefácio: Jorge Grespan e Francisco de Oliveira. Tradutores: Mario Duayer, Nélio Schneider, Alice Helga Werner e Rudiger Hoffman). São Paulo: Boitempo, 2011.

Manuscritos econômico-filosóficos (Prefácio e tradução: Jesus Ranieri). São Paulo: Boitempo Editorial, 2004.

Miséria da Filosofia. Subtítulo: Resposta à Filosofia da Miséria do Sr. Proudhon (Tradução de Paulo Ferreira Leite). São Paulo: Centauro, 2001.

O 18 Brumário de Luís Bonaparte (Prefácio: Friedrich Engels. Tradutor: Nélio Schneider). São Paulo: Boitempo, 2011.

O Capital. Subtítulo: Crítica da Economia Política (Livros I a III. 6 volumes. Tradução de Reginaldo Sant'Anna). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003-2008.

Capítulo VI (Inédito) de O Capital – Resultados do Processo de Produção Imediata (Tradução de Klaus Von Puchen). São Paulo, Centauro, 2004.

Salário, Preço e Lucro (Introdução de Edmilson Costa – “Elementos para a Teoria da Mais Valia”. Tradução de Eduardo Saló). São Paulo: Edições Profissionais, 2004.

Sobre a Questão Judaica (Prefácio: Daniel Bensaïd. Tradutores: Nélio Schneider / Wanda Caldeira Brant). São Paulo: Boitempo, 2010.

Sobre o suicídio (Prefácio: Michael Löwy. Tradutores: Rubens Enderle e Francisco Fontanella). São Paulo: Boitempo Editorial, 2006.

Trabalho assalariado e capital & Salário, Preço e Lucro. São Paulo: Expressão Popular, 2006.

FRIEDRICH ENGELS:

Anti-Dühring. São Paulo: Paz e terra, 1990 (3ª edição).

A Dialética da Natureza (Prólogo de J. B. S. Haldane). Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1985.

A situação da classe trabalhadora na Inglaterra (Prefácio: José Paulo Netto. Tradutor: B. A. Schumann). São Paulo: Boitempo, 2008.

A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado. São Paulo: Centauro, 2002.

Do Socialismo Utópico ao Socialismo Científico. São Paulo: Centauro, 2005.

MARX & ENGELS:

A sagrada família. Subtítulo: A crítica da Crítica crítica: contra Bruno Bauer

e consortes (Tradutor: Marcelo Backes). São Paulo: Boitempo, 2003.

A ideologia alemã. Subtítulo: crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas (Prefácio: Emir Sader. Tradutores: Rubens Enderle, Nélío Schneider e Luciano Cavini Martorano). São Paulo: Boitempo, 2007.

A ideologia alemã (Prefácio e tradução de Marcelo Backes, incluindo as "Teses sobre Feuerbach" e uma série de anexos e esboços dos autores sobre os ideólogos alemães). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

Cultura, Arte e Literatura – textos escolhidos (com “Introdução aos escritos estéticos de Marx e Engels”, de György Lukács. Tradução e revisão: José Paulo Netto e Makoto Cavalcanti Yoshida). São Paulo: Expressão Popular, 2010.

Lutas de Classes na Alemanha (Prefácio: Michael Löwy. Tradutor: Nélío Schneider). São Paulo: Boitempo, 2010.

Manifesto Comunista (Prefácio: Osvaldo Coggiola. Tradutor: Álvaro Pina). São Paulo: Boitempo, 1998.

Manifesto do Partido Comunista (Prefácio de José Paulo Netto). São Paulo: Cortez Editora, 2001.

Obras Escolhidas (3 volumes, com tradução feita a partir da edição do Instituto de Marxismo-Leninismo anexo ao CC do PCUS). São Paulo, Alfa-Ômega, 1982.

V. I. LÊNIN:

As três fontes. São Paulo: Expressão Popular, 2003.

Imperialismo, fase superior do capitalismo (Tradução de Olinto Beckerman). São Paulo: Global Editora, 1987 (4ª edição).

Obras Escolhidas (3 volumes, com tradução feita a partir da edição do Instituto de Marxismo-Leninismo anexo ao CC do PCUS). São Paulo, Alfa-Ômega, 1982.

O Estado e a Revolução. Subtítulo: O que ensina o marxismo sobre o Estado e o papel do proletariado na revolução (Apresentação de Florestan Fernandes. Tradução de Aristides Lobo). São Paulo: Expressão Popular, 2010.

O Programa Agrário da Social-Democracia na primeira revolução russa de 1905-1907. São Paulo, Livraria Editora Ciências Humanas, 1980.

Que Fazer? Subtítulo: A organização como sujeito político (Estudo Introdutório de Atílio Boron. Tradução de Rubia Prates Goldoni). São Paulo: Martins Fontes, 2006.

ANTONIO GRAMSCI:

Cadernos do Cárcere (edição de Carlos Nelson Coutinho, Marco Aurélio Nogueira e Luiz Sérgio Henriques). Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 6

volumes, 1999-2003.

Volume 1: *Introdução ao estudo da filosofia. A filosofia de Benedetto Croce.*

Volume 2: *Os Intelectuais. O princípio educativo. Jornalismo.*

Volume 3: *Maquiavel. Notas sobre o Estado e a política.*

Volume 4: *Temas de cultura. Ação Católica. Americanismo e fordismo.*

Volume 5: *O Risorgimento. Notas sobre a história da Itália.*

Volume 6: *Literatura. Folclore. Gramática. Apêndices: variantes e índices.*

Cartas do Cárcere 1926-1937 (edição de Luiz Sérgio Henriques). Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2 volumes, 2005.

Escritos Políticos 1910-1926 (edição de Carlos Nelson Coutinho). Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2 volumes, 2004.

GYÖRGY LUKÁCS:

Arte e Sociedade. Subtítulo: Escritos estéticos 1932-1967 (Organização, introdução e tradução de Carlos Nelson Coutinho e José Paulo Netto). Rio de Janeiro, Editora da UFRJ, 2009.

História e Consciência de Classe. Subtítulo: Estudos sobre a dialética marxista. São Paulo: Editora Martins Fontes.

Marxismo e Teoria da Literatura (Seleção, apresentação e tradução de Carlos Nelson Coutinho). São Paulo: Expressão popular, 2010.

O Jovem Marx e outros escritos de filosofia (Organização, introdução e tradução de Carlos Nelson Coutinho e José Paulo Netto). Rio de Janeiro, Editora da UFRJ, 2009.

Prolegômenos para uma Ontologia do Ser Social. Subtítulo: Questões de princípio para uma ontologia hoje tornada possível (Apresentação de Ester Vaisman e Ronaldo Vielmi Fortes. Tradução de Lya Luft e Rodnei Nascimento). São Paulo: Boitempo Editorial, 2010.

Socialismo e Democratização – Escritos Políticos 1956-1971 (Organização, introdução e tradução de Carlos Nelson Coutinho e José Paulo Netto). Rio de Janeiro, Editora da UFRJ, 2008.

ISTVÁN MÉSZÁROS:

A crise estrutural do capital (Prefácio: Ricardo Antunes. Tradutores: Francisco Raul Cornejo e outros). São Paulo: Boitempo Editorial, 2009.

A educação para além do capital (Prefácio: Emir Sader. Tradutora: Isa Tavares). São Paulo: Boitempo Editorial, 2005.

A teoria da alienação em Marx (Prefácio: Maria Orlanda Pinassi. Tradutora: Isa Tavares). São Paulo: Boitempo Editorial, 2006.

Atualidade histórica da ofensiva socialista. Subtítulo: Uma alternativa radical ao sistema parlamentar (Tradutores: Paulo Cesar Castanheira e Maria Orlanda Pinassi). São Paulo: Boitempo Editorial, 2010.

Estrutura social e formas de consciência. Subtítulo: a determinação social do método (Tradutores: Luciana Pudenzi, Francisco Raul Cornejo e Paulo Cezar Castanheira). São Paulo: Boitempo Editorial, 2009.

Estrutura social e formas de consciência II. Subtítulo: A dialética da estrutura e da história (Tradutores: Rogério Bettoni e Caio Antunes). São Paulo: Boitempo Editorial, 2011.

Filosofia, ideologia e ciência social. Subtítulo: ensaios de negação e afirmação (Tradutora: Ester Vaisman). São Paulo: Boitempo Editorial, 2008.

O desafio e o fardo do tempo histórico. Subtítulo: o socialismo no século XXI (Prefácio: John Bellamy Foster. Tradutores: Ana Cotrim e Vera Cotrim). São Paulo: Boitempo Editorial, 2007.

O poder da ideologia (Tradutor: Paulo Cezar Castanheira). São Paulo: Boitempo Editorial, 2004.

O século XXI. Subtítulo: socialismo ou barbárie? (Tradutor: Paulo Cezar Castanheira). São Paulo: Boitempo Editorial, 2003.

Para além do capital. Subtítulo: rumo a uma teoria da transição (Prefácio: Ricardo Antunes. Tradutores: Paulo Cezar Castanheira e Sérgio Lessa. São Paulo: Boitempo Editorial, 2002.